



O objeto nulo em cartas pessoais do século XX: um estudo sociolinguístico-histórico

The null object in personal letters of the twentieth century: a historical and socio-linguistic study

Antonio Anderson Marques de Sousa*
Universidade Federal do Rio de Janeiro,
Rio de Janeiro, Brasil

Deyse Edberg Ribeiro Silva Gama*
Universidade Federal do Rio de Janeiro,
Rio de Janeiro, Brasil

Resumo: O objetivo deste artigo é apresentar uma análise sociolinguístico-histórica do Objeto Nulo com base em cartas escritas por brasileiros e portugueses do início do século XX. Para tanto, realizamos uma análise que conjuga tanto aspectos linguísticos quanto extralinguísticos para poder traçar o perfil social desses escritores. Observamos, assim, as diferenças não só quantitativas como também qualitativas em relação à distribuição do Objeto Nulo pelas cartas brasileiras e portuguesas. Isso quer dizer que não só esperamos mais Objetos Nulos em PB do que PE como também esperamos que os contextos de licenciamentos sejam diferentes em tais variedades, podendo até mesmo encontrar Objeto Nulo em contextos de ilhas sintáticas no PB, já que muitos estudos mostram que, nessa variedade, tais contextos podem licenciar o Objeto Nulo, desde que certos aspectos discursivo-pragmáticos sejam assegurados.

Palavras-chave: Sociolinguística histórica; português europeu; português brasileiro; objeto nulo; cartas pessoais.

Abstract: The aim of this article is to present a historical and socio-linguistic analysis of the Null Object based on letters written by Brazilians and Portuguese in the early 20th century. For this purpose, we made an analysis that combines both linguistic and extralinguistic aspects in order to trace the social profile of these writers. Thus, we can observe not only quantitative differences but also qualitative ones regarding the distribution of the Null Object in the Brazilian and Portuguese letters. This means that we not only expect more Null Objects in BP than EP, but we also expect that the licensing contexts are different in such varieties, being possible to find Null Object in syntactic island contexts in PB, since many studies show that, in this variety, such contexts can license the Null Object, as long as certain discursive-pragmatic aspects are ensured.

Keywords: Historical sociolinguistics; European Portuguese; Brazilian portuguese; null object; personal letters.

* Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro-RJ, Brasil. E-mail: doutorando.antonio@gmail.com.

* Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro-RJ, Brasil. E-mail: deyseberg@hotmail.com.

1 O QUE SABEMOS SOBRE O OBJETO NULO – PANORAMA DE PESQUISAS LINGÜÍSTICAS

As discussões sobre o Objeto Nulo no português começam com o clássico estudo de Raposo (1986). Desde então, muito se tem discutido sobre o seu estatuto (se é resultado de movimento - uma “variável” gerada por movimento na sintaxe, visível ou não - ou se é uma categoria pronominal). O fato é que o seu comportamento no PE e no PB não é igual. Esta revisão retoma trabalhos recentes, que não deixam de levar em conta a proposta de Raposo, mas incluem outros autores portugueses e brasileiros cujos trabalhos têm em Raposo (1986) um ponto de partida indispensável.

Duarte e Costa (2013), retomando uma série de estudos anteriores sobre o PE, afirmam que o Objeto Nulo é comum aos registros informais da modalidade oral e da escrita pouco monitorada, enquanto, nos registros mais formais da língua, os falantes preferem os pronomes clíticos acusativos aos nulos. Os autores chamam a atenção para o fato de que algumas construções não devem ser confundidas com construções de ON, tais como (i) o uso intransitivo de verbos transitivos, (ii) a elipse parcial do predicado (ou elipse de VP, como preferem alguns autores) e (iii) a elipse de complemento oracional – estrutura que é analisada neste trabalho, porque, segundo Cyrino (1994), é a precursora da implementação do Objeto Nulo que retoma um SD. Tais construções serão descritas e ilustradas, com base nos exemplos de Duarte e Costa (2013).

O Objeto Nulo pode ser confundido com complementos omissos de verbos transitivos usados intransitivamente. Verbos como *cantar*, *comer*, *fumar* e *ler* podem ser usados de forma intransitiva, isto é, sem complemento verbal direto, o que poderia motivar a confusão com o Objeto Nulo de que tratamos aqui. Os autores comentam que tais complementos omissos apresentam uma característica semântica particular, que os diferencia substancialmente do Objeto Nulo, já que eles sempre apresentam referência genérica, conforme podemos ver a seguir com as interpretações entre parênteses:

- (1) a. As crianças não estão conseguindo ler [Ø].
([Ø] = qualquer objeto que possa ser lido, livros, revistas, gibis etc.)
- b. Você deveria parar de fumar [Ø].
([Ø] = qualquer objeto que possa ser fumado, cigarro, charuto etc.)
- c. Não aguento mais comer [Ø]. ([Ø] = qualquer alimento)
- d. Ela já não consegue cantar [Ø]. ([Ø] = qualquer tipo de canção, música, etc).

Os autores também esclarecem que, à primeira vista, as construções de elipse de VP, como se ilustra em (2) a seguir, parecem ser instâncias de Objeto Nulo. Todavia, devido à diferença de propriedades que distinguem tais construções, é necessário descrever nosso objeto de estudo separadamente desse tipo de construção. Como mostramos em (2), na elipse de VP, todos os constituintes do sintagma verbal, com exceção do verbo, são omitidos, isto é, são omitidos argumentos e adjuntos adverbiais idênticos aos constituintes da oração anterior:

- (2) a. Eu comprei aquele livro na semana passada e você também comprou [Ø].

([Ø] = [aquele livro na semana passada])

b. Meus pais assistiram àquele programa ontem e eu também assisti [Ø].

([Ø] = [àquele programa ontem]).

Os contextos sintáticos de ocorrência dessas categorias vazias também são distintos. A elipse de VP pode ocorrer dentro de uma oração relativa, enquanto a realização de um Objeto Nulo dentro de uma oração relativa gera construções duvidosas, que, de acordo com os autores, são agramaticais para o PE, mas perfeitamente aceitáveis no PB:

Elipse de VP dentro de oração relativa

(3) O Carlos entregou os documentos ontem e conheço um amigo que também entregou [Ø]. ([Ø] = [os documentos ontem])

Objeto nulo dentro de oração relativa

(4) O Carlos entregou [os documentos]_i ao diretor ontem e conheço um amigo que entregou [Ø]_i ao professor. (*PE / OK PB)

Outra propriedade que diferencia o Objeto Nulo da elipse de VP é a possibilidade daquele retomar referentes claramente marcados tanto no texto oral ou escrito quanto no contexto pragmático como em (5), enquanto este apresenta maior dificuldade na recuperação de um material extralinguístico como em (6):

Objeto nulo

(5) (João faz referência a um desenho de Maria que está em cima da mesa e pergunta-lhe)

João – Maria, você fez [Ø] sozinha? ([Ø] = [o desenho]) (OK PE / OK PB)

Elipse de VP

(6) (João olha para um desenho na mesa de Maria e também deseja fazer referência ao seu próprio desenho)

João – Eu também acabei [Ø]. ([Ø] = [meu desenho]) (*?? PE / OK PB)

A última característica que diferencia elipse de VP do Objeto Nulo é o paralelismo lexical. Isso quer dizer que as elipses de VP exigem que o verbo da construção linguística anterior seja idêntico ao verbo (simples ou auxiliar) que acompanha o complemento omitido. Nas construções com Objeto Nulo, porém, observa-se o oposto, já que os verbos não precisam necessariamente ser (e geralmente não são) os mesmos:

Elipse de VP

(7) a. Você comeu tapioca de banana ontem e sua irmã também comeu [Ø].

([Ø] = [tapioca de banana ontem])

b. A Maria tem visitado a avó todas as semanas e o João também tem [Ø].

([Ø] = [visitado a avó todas as semanas])

Objeto nulo

(8) João – Ontem, eu comprei [o último livro do Harry Potter]_i.

Maria – Eu já li [Ø]_i e achei [Ø]_i maravilhoso.

A terceira categoria vazia que pode ser confundida com o Objeto Nulo é, de acordo com os autores, a elipse do complemento oracional, que antes aparecia sob o rótulo “anáfora do complemento nulo” (MATEUS et al, 2003), naturalmente distinguindo o complemento oracional do não oracional. Nessas construções, podemos omitir o

complemento oracional de certos verbos como *querer, saber, duvidar, acreditar, conseguir*, conforme se vê abaixo:

(9) a. Antônio - Você vai ao teatro?

Maria - Não sei [Ø]_i. ([Ø]=[se vou ao teatro])

b. Não consegues resolver este problema, mesmo que queiras [Ø].

([Ø]= [resolver este problema])

c. O João quis ir ao cinema, mas eu não quis [Ø]. ([Ø]= ir ao cinema)

Duarte e Costa (2013) também apontam importantes propriedades formais e semântico-discursivas do Objeto Nulo. Em primeiro lugar, destacam que, além de poder ser um sintagma nominal definido, ele também pode recuperar um SD indefinido (10), um SD quantificado (11) ou um nome simples sem determinante (12):

(10) a. Antônio – Você viu [um cavalo]_i no seu sonho?

Maria – Vi [Ø]_i onde menos eu esperava.

(11) a. Antônio – Minha mãe comprou [muitos presentes]_i e escondeu [Ø]_i na sala.

(12) a. João – Comprou [leite]_i?

Maria – Comprei [Ø]_i agorinha.

Os autores também mencionam uma importante propriedade semântica do Objeto Nulo, que, quando relacionada a dois contextos estruturais, pode determinar a aceitabilidade e gramaticalidade da frase. A propriedade semântica diz respeito ao traço de animacidade do antecedente do Objeto Nulo e os dois contextos estruturais referem-se a duas estruturas sintáticas: (i) Objeto Nulo e seu antecedente estão no mesmo período e (ii) Objeto Nulo em ilhas sintáticas. No primeiro contexto sintático, o antecedente [+/- animado] está no mesmo período em que o Objeto Nulo está. Quando este estiver no mesmo período do seu antecedente com traço [-animado], a frase é tida como gramatical tanto em PE quanto em PB conforme vemos em (13):

(13) Como você acha [esse livro]_i bom, eu vou comprar [Ø]_i pra você. (OK PE/ OK PB)

Mas se o Objeto Nulo estiver no mesmo período do seu antecedente com traço [+ animado], há grande chance de a sentença ser inaceitável, estranha ou até mesmo agramatical no PE, como vemos em (14-15):

(14) Se você não gosta [do Roberto]_i, então eu não vou convidar [Ø]_i pra festa. (*PE/ OK PB)

(15) Se eu encontrar [o Vitor]_i, beijo [Ø]_i com muita força. (*PE / OK PB)

Vemos, portanto, que o juízo de gramaticalidade em estruturas com antecedente [+animado] pode diferenciar PE do PB, já que no PB parece haver maior aceitabilidade desse tipo de estrutura, o que mostra menor restrição ao Objeto Nulo no PB, como vemos nas sentenças (14) e (15) acima. No PE, entretanto, tais sentenças são analisadas como agramaticais. Mesmo que tais tipos de estruturas não ocorram em nosso corpus, podemos afirmar que é possível alternar um Objeto Nulo com um pronome “ele” acusativo (ou um clítico) nos três casos exemplificados acima.

O segundo contexto sintático que - quando associado à animacidade do Objeto Nulo - compromete a aceitabilidade e até mesmo a gramaticalidade da frase é a presença

de Objeto Nulo em estruturas de ilhas sintáticas fortes, isto é, estruturas de oração adverbial (16), relativa (17) ou subjetiva pré-verbal (18), que não aceitam a extração de um constituinte, como mostram os testes com interrogativas Qu. No PE, os autores mencionam que muitos falantes rejeitam o Objeto Nulo nessas estruturas sintáticas, independentemente do traço semântico do antecedente, o que é defendido em Raposo (1986, apud CYRINO E MATOS, 2016):

- (16) (Contexto: conversando sobre um mapa do tesouro)
O pirata partiu para as Caraíbas depois de ter guardado [Ø] no cofre.
(OK PB / *PE) – exemplo de Cyrino e Matos (2016) (apud Raposo, 1986).
- (17) (Contexto: conversando sobre os pastéis)
O rapaz que trouxe [Ø] da pastelaria agora mesmo era o teu afilhado.
(OK PB / *PE) – exemplo de Cyrino e Matos (2016) (apud Raposo, 1986).
- (18) (Contexto: conversam sobre um novo computador)
Que a IBM venda [Ø] a particulares surpreende-me.
(*PE / OK PB) – exemplo de Cyrino e Matos (2016).

Quando o antecedente for [+animado] nos contextos de ilhas, Duarte e Costa (2013) afirmam que as sentenças geradas são rejeitadas tanto em PE quanto em PB:

- (19) (conversando sobre João)
*O meu namorado ficou com raiva, quando beijei [Ø] na festa.
- (20) (conversando sobre o João)
*A Maria conhece a moça que beijou [Ø] na festa.
- (21) (conversando sobre o João)
*Que a Maria tenha beijado [Ø] na festa foi uma surpresa.

Tomando como base o aspecto referencial do Objeto Nulo, Cyrino, Duarte e Kato (2000) postulam a Hierarquia da Referencialidade, uma explicação teórica que procura dar conta das restrições estruturais e semânticas impostas pelos processos de pronominalização do sujeito e apagamento do objeto. Vejamos a hierarquia:

HIERARQUIA DE REFERENCIALIDADE

não-argumentos pessoas]	proposição	[3ª.pessoa]	[2ª. 1ª.
		[+/-	humano]
[+humano]		[+/- específico]	
[-referencial]	←----->		
[+referencial]			

Os pronomes de 1ª e 2ª pessoas, inerentemente [+hum], estão no ponto mais alto. Os pronomes de 3ª pessoa, por outro lado, podem ter o traço [+/- humano] e [+/- animado], ficando os de traço [-humano] em um ponto mais baixo na hierarquia do que os que apresentam o traço [+humano]; além disso, eles interagem com o traço [+/- específico], o que nos leva a quatro diferentes níveis para os referentes de 3ª pessoa, que, ainda assim, estão à frente das proposições, isto é, construções sentenciais (sujeitos e

objetos neutros), porções maiores de texto ou do discurso. No ponto mais baixo da hierarquia, estão os elementos não argumentais.

Dentro dessa hierarquia, o Objeto Nulo teria se implementado no português por meio da retomada de elementos menos referenciais, ou seja, elementos como as proposições (daí o complemento oracional nulo ser considerado). Em seguida, avançou para outros contextos, retomando elementos com traço [-humano], [-animado] e [-específico]. A partir daí, teria avançado para contextos com antecedente [-hum/-anim/+esp]; em seguida, pelos [+hum/-esp], e, finalmente pelos [+hum/+esp], embora este ainda seja um contexto de maior resistência conforme vimos nos exemplos precedentes.

No caso do sujeito pronominal, observamos o percurso inverso; naturalmente, quando se trata de mudança em direção a uma categoria expressa, a mudança começa a partir dos itens mais referenciais, ou seja, sujeitos de primeira e segunda pessoas são os que mais prontamente se tornam preenchidos no PB.

Em resumo, este capítulo buscou apresentar um quadro descritivo-teórico sobre as construções com o Objeto Nulo no português, ressaltando que o PB se configura como uma língua românica que apresenta um Objeto Nulo singular, que, de acordo com Cyrino, se deve a mudanças sintáticas decorrentes da perda do clítico neutro/invariável *o*, uma vez que o Objeto Nulo do PB tenha se originado da elipse do Objeto Nulo oracional.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A Linguística Histórica ocupa-se com as transformações das línguas ao longo do tempo, valendo-se da comparação entre as manifestações textuais de uma dada língua ou de variedades relacionadas, em épocas distintas, buscando compreender os fatores que explicam as mudanças; os linguistas que nela trabalham procuram apresentar e compreender essas transformações, orientando-se, na execução dessas tarefas, por diferentes sistemas teóricos de pesquisas (CONDE SILVESTRE, 2007, p. 22).

O presente artigo respalda-se nos pressupostos da Sociolinguística Histórica (CONDE SILVESTRE, 2007) e busca relacionar tais estudos ao fenômeno sintático do Objeto Nulo (ON) (CYRINO E MATOS, 2016) em duas variedades do português, a saber, o Português Europeu (PE) e o Português Brasileiro (PB), apontando possíveis fatores de natureza linguística e extralinguística que influenciaram no uso preenchido ou nulo do objeto acusativo em cartas pessoais do século XX.

2.1A SOCIOLINGUÍSTICA HISTÓRICA

Em 1916 [1970], em seu livro *Curso de Linguística Geral*, Saussure traz uma visão de língua em duas dimensões: histórica e estática, caracterizando a língua, apontando suas mudanças no eixo do tempo e definindo-a como um sistema estável em um espaço de tempo aparentemente fixo. Porém, ao levantar a ideia de um sistema imutável em si mesmo, considerando as alterações que acontecem na língua como periféricas, Saussure abre espaço para várias críticas e discussões.

Uma das críticas a este sistema estático é a de Coseriu (1973), que afirma a língua como um sistema em movimento, por isso em constante sistematização. O autor não anula a hipótese saussureana de que descrição e história são estudos diferenciados, mas propõe que os estudos devem envolver descrição e história de maneira integrada. Sobre isso, Conde Silvestre (2007, p. 28) comenta que o estudo de Meillet, anterior ao de Coseriu, afirma que toda descrição é histórica.

Outra crítica pertinente sobre o tratamento da mudança linguística apontada por Conde Silvestre (2007, p. 31) é a de Weinreich, Labov e Herzog (1968 [2006]), com um dos trabalhos fundadores da Sociolinguística histórica, *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*, que questiona a ausência da variação nos estudos sincrônicos. Para eles, a variação e a mudança são processos essenciais para a existência da língua e ocorrem interrelacionados e unidos, propondo a observação e a heterogeneidade ordenada, a ausência de troca direta e abrupta de um elemento por outro, visto que as línguas estão em constantes transformações e, enquanto isto, os falantes continuam a comunicação entre si. Os autores levantam a hipótese de que existe uma fase de concorrência entre as variantes e a preferência por uma das variantes pelos falantes. Estes fixarão uma das formas linguísticas e, conseqüentemente, apagarão a outra forma linguística. Isso marcará, também, a língua falada em uma determinada época.

A respeito disso, Tarallo (1997, p. 5) fala em “caos” linguístico, que, segundo o autor, apresenta-se como “um campo de batalha em que duas (ou mais) maneiras de dizer a mesma coisa se enfrentam em duelo de contemporização, por sua subsistência e coexistência, ou mais fatalisticamente, em um combate sangrento de morte”.

Ainda sobre a Sociolinguística histórica, no que diz respeito aos métodos da disciplina, Conde Silvestre (2007, p. 32-33) aponta o trabalho pioneiro de Suzanne Romaine (1982) no qual a autora argumenta que: “(...) do momento em que a sociolinguística trata das relações entre as estruturas linguísticas e sociais e sua particular inserção em determinadas comunidades linguísticas em certos períodos, seu objetivo é a descrição e explicação de sistemas simbólicos situados historicamente.”

A transferência para o passado dos métodos da Sociolinguística permite a reconstrução histórica no seu contexto social. A Sociolinguística histórica aplica os princípios da Sociolinguística no estudo e interpretação de materiais históricos, ocupando-se tanto de fundamentos gerais e históricos da mudança, como da interpretação e explicação desses, correlacionando-os a fatores linguísticos e extralinguísticos.

2.20 GÊNERO CARTA

O presente estudo lida com a diacronia. Por vezes, o trabalho com diacronia depara-se com a impossibilidade de material oral para alcançarmos a língua falada correspondente à época em estudo. Essa é uma das dificuldades encontradas no trabalho diacrônico, visto que o pesquisador se vale dos restos dos textos escritos que sobreviveram ao tempo, não sendo nem sempre possível a identificação do autor.

Para a reconstrução da história da língua em determinada época, a investigação parte do “bom uso desses maus dados,” salvo que a escrita passa a ser, nesse contexto, o

material mais eficaz para mapearmos aspectos linguísticos que refletem as marcas conservadoras e/ou aquelas já em desuso em dado momento da história.

Além disso, o olhar prudente deve ser lançado ao suporte no qual tais textos foram escritos, pois cada gênero textual possui características específicas com base na sua finalidade comunicativa. Assim, alguns gêneros textuais são mais propícios a representação da língua vernacular, em detrimento de outros.

Considerando o gênero textual que serviu de suporte para a observação da língua escrita, é pertinente observar as vantagens e desvantagens. Neste estudo, controlamos cartas pessoais, pois se tem, como uma das vantagens, a informação de remetentes e destinatários, possibilitando controle do gênero/sexo, fator extralinguístico controlado na amostra. A carta é, comumente, assinada, o que permite ao investigador reconstruir a informação social e pessoal necessária para o seu estudo. Além disso, o gênero é favorável à comunicação mais desprendida das regras e pressões normativas, posto que a emoção e a espontaneidade ocorrem de maneira recorrente:

(22) [...] deste teu querido noivinho aceita tantos beijos quantas foram os pingos de chuva que caíram domingo aí. (CB, J.O.S, masc. 22-09-1936).

(23) [...] eu estava lendo e as lágrimas caíam na carta. No dia que eu fui buscar a carta fazia um dia lindo para nós dois passearmos juntinhos [...] (CB, M. R; fem. 22-09-1936).

Contudo, o gênero textual em voga traz fórmulas fixas que podem impossibilitar a transparência nos dados observados sobre o fenômeno linguístico que se estuda. Tais estruturas resultam em desvantagem para o resultado da pesquisa. O investigador deve, de maneira prudente, identificar no próprio gênero textual as estruturas que fazem parte de formas fixadas e aquelas que validam o uso efetivo da língua, propriamente. Sobre as estruturas formulaicas, Kabatek (2005) afirma que essas fazem parte de uma Tradição Discursiva (TD) que:

(...) consiste en moldes normativos convencionalizados que guían la transmisión de un sentido mediante elementos lingüísticos tanto en su producción como en su recepción. [...] no se trata de un sinónimo de “tipo textual”, “género” etc. sino de un concepto más amplio que incluye todo tipo de tradiciones del hablar identificables, también subgéneros o tradiciones dentro del mismo género.” (s/n)

A carta pessoal é um gênero positivo para a reconstrução do contexto social e histórico, contudo, deve-se separar o que são as formas do gênero e o que faz parte da língua estudada (CONDE SILVESTRE, 2007, p. 51). Em nível de prudência, é pertinente observar o mesmo fenômeno linguístico, tanto na parte fixa, como no núcleo da carta, posto que a fixa tende a maior formalidade de uso da língua, enquanto no núcleo, o menor nível de formalidade, comumente transparece a língua na sua forma vernacular, possibilitando ao pesquisador segurança e veracidade na sua análise.

3 METODOLOGIA

3.1 A AMOSTRA

Os dados foram levantados a partir do estabelecimento do corpus. A amostra aqui analisada é composta por cartas pessoais trocadas entre seus remetentes e destinatários, relatando, basicamente, afetos de amor, amizade e saudade, como também, negócios de família. Todas as cartas foram escritas no início do século XX e correspondem ao total de 24, sendo 12 escritas por autores portugueses e outras 12 escritas por brasileiros de ambos os sexos, em fase já adulta das suas vidas. O acesso a tais informações foi possível através dos próprios relatos escritos no núcleo de cada carta, assinadas e datadas pelos autores. Dessa maneira, pôde-se desenvolver uma análise contrastiva, observando o fenômeno do objeto nulo, tanto no PE quanto no PB.

3. PARÂMETROS E MATERIAIS DE ANÁLISE

Para o desenvolvimento deste trabalho, foi necessário recorrer a programas específicos como o *E-dictor* e o *GoldVarb-X*, sem os quais a análise não poderia ser feita de maneira concisa. Para melhor compreensão, apontaremos aqui a utilidade e funcionalidade de ambos os programas, sem maiores detalhamentos, por não ser o nosso objetivo aqui descrever o funcionamento de cada programa.

Em primeiro momento, utilizamos o *E-dictor*¹, programa computacional específico para edição de textos antigos. Partimos das cartas transcritas², ainda em sua versão original/conservadora, sem nenhum tipo de modificação. Na sequência, as editamos em versão modernizada, atualizando alguns equívocos da escrita, causados por diferentes motivos, sendo os mais comuns a junção e segmentação de palavras.

A edição modernizada, especificamente neste trabalho, foi usada na tentativa de dispor de amostra mais homogeneia da escrita no corpus, para promover a posterior busca dos dados³. Mesmo a versão mais conservadora sendo modernizada, o presente programa possibilita ao pesquisador a visualização de ambas as variantes, gerando, também, uma lista das alterações feitas nos documentos. Assim, o *E-dictor* viabiliza a análise de acordo com o interesse da pesquisa. Na figura 1, exemplificamos uma ocorrência de junção, visualizada na página, após modernização do documento.

¹ O *E-dictor* é obtido gratuitamente neste site:

<http://www.ime.usp.br/~tycho/corpus/manual/prep/index.html>.

² As cartas pessoais aqui utilizadas foram editadas pelos alunos da disciplina LEV 805 - História da Língua Portuguesa, sob orientação da professora Célia Lopes (UFRJ), a fim de serem usadas nas análises do trabalho final da monografia do curso.

³ Metodologicamente optou-se pela edição modernizada para facilitar a utilização do mesmo *corpus* por todos os alunos da turma, sendo analisados diferentes fenômenos linguísticos.

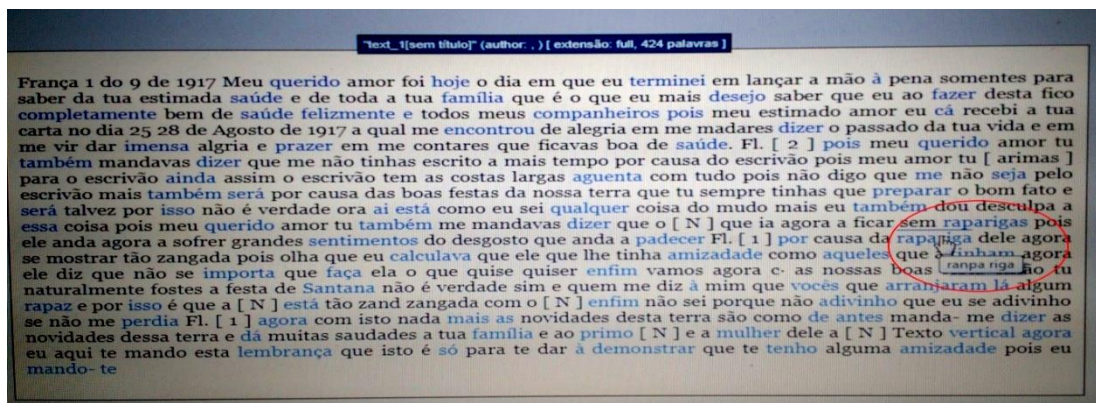


Figura 1. Visualização da carta em sua edição modernizada (Exemplo de junção).

A edição de documentos no editor de textos permite melhor veracidade nos dados levantados. Por exemplo, se pensarmos na observação dos clíticos, é possível encontrarmos o uso desse tipo de pronome anexado ao verbo, formando um único vocábulo. Em contextos como esse, a segmentação é a interferência indispensável. A edição modernizada permite a visualização do clítico separado do verbo, porém, ao passar o cursor em cima da palavra, veremos o clítico conforme fora escrito em sua versão original, conservando a escrita, presente no documento. A seguir, ilustramos um caso que exemplifica o contexto que acabamos de mencionar.

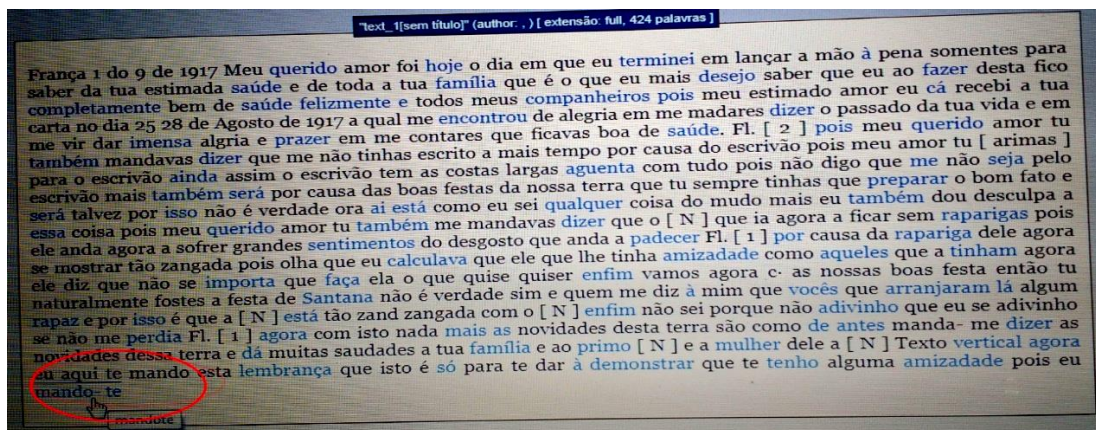


Figura 2. Visualização da carta em sua edição modernizada (Exemplo de segmentação)

Além desse tipo de ferramenta, outra possibilidade é a atribuição hierárquica que torna possível ao pesquisador a visualização de todos os níveis de alterações que uma palavra sofre, com base na vontade do editor, sendo recuperáveis todos os processos feitos ao longo da edição. Ainda sobre a utilidade desta ferramenta para o trabalho com edições de documentos antigos, Silva (2012, p. 54) confirma que:

O *E-dictor* atribui uma hierarquização dessas propriedades conforme a vontade do editor, sendo essa característica que torna possível ver todos os 17 níveis de mudança que uma palavra pode sofrer. Dessa forma, mesmo que uma palavra seja marcada com as notações de segmentação e junção, por exemplo, será possível recuperar todos os processos feitos ao longo da edição.

Desse modo, após a edição das 24 cartas pessoais, seguimos para o mapeamento dos contextos nos quais ocorreram ou não o fenômeno sintático do objeto direto. Os dados levantados foram codificados e rodados no *GoldVarb-X*, outro programa computacional utilizado para análise estatística. Esse é um dos programas mais usados para análise estatística de dados linguísticos nos estudos atuais, pois permite ao investigador o acesso de modo mais transparente aos resultados em termos de frequência de uso do fenômeno que se observa. Além da possibilidade de relacionarmos influências de natureza externa e interna que influenciaram ou não nos dados apontados. Os dados lançados no programa foram codificados anteriormente, separadamente, compreendendo os dados do PE e do PB.

Os grupos de fatores, expostos a seguir (Cf. 3.2.1 e 3.2.2), foram estabelecidos previamente e o programa configurado para que esses fossem, assim, identificados, com base nas codificações. Após as rodadas de dados, as tabelas geradas pelo programa permitiram a observação dos fatores de maior e menos frequência dos dados computados. Partindo desses percentuais, seguimos na análise dos dados mais pertinentes para o estudo em voga.

Para mapear os Objetos Nulos, levamos em consideração o quadro teórico - descritivo apontado anteriormente. Sendo assim, excluimos da seleção de dados categorias vazias que poderiam ser confundidas com o nosso objeto de estudo, como a Elipse de VP ou o complemento de verbos intransitivos. Em resumo, selecionamos Objetos Nulos que poderiam ser intercambiáveis pelas estratégias expressas do objeto direto, ou seja, (i) clítico acusativo, (ii) pronome nominativo ou (iii) SN anafórico.

Na sequência, listaremos os grupos de fatores de natureza linguística e extralinguística que possivelmente podem interferir no comportamento das variáveis em estudo. Partindo das predições da Sociolinguística tais grupos foram considerados na amostra e avaliados sob o esquema que segue com as hipóteses que motivaram a escolha.

3.2.1 Fatores linguísticos

O primeiro grupo de fatores é a “variável dependente”, em que controlamos (i) o objeto nulo e (ii) o objeto expreso. O segundo grupo é o “tipo de oração em que o objeto se encontra”, em que controlamos os seguintes tipos de oração: (i) principal, (ii) coordenada, (iii) relativa, (iv) adverbial e (v) completiva. O terceiro grupo de fatores é o “estatuto sintático do antecedente”, em que controlamos os fatores (i) sujeito, (ii) objeto direto, (iii) oblíquo nuclear, (iv) oblíquo não nuclear, (v) tópico marcado, (vi) tópico discursivo e (vi) oração. O quarto grupo de fatores linguísticos é a combinação de traços semânticos, em que controlamos os fatores (i) [+animado/+específico], (ii) [+animado/-

específico], (iii) [-animado/+específico], (iv) [-animado/-específico] e (v) / (= não se aplica)⁴.

3.2.2 Fatores extralinguísticos

Entre os grupos de natureza social, controlamos o “gênero”, com os fatores (i) masculino e (ii) feminino. Também controlamos a “nacionalidade do falante”: (i) brasileiro e (ii) português.

3.3 REFINANDO OBJETIVOS E HIPÓTESES

O primeiro grupo de fatores é constituído pela nossa variável dependente, em que controlamos as formas nulas e expressas do objeto. Nossa hipótese é que haja mais Objetos Nulos em PB do que em PE. Nesta variedade, imaginamos que as formas expressas – principalmente os clíticos acusativos *a(s)* e *a(s)* – sejam as estratégias preferidas. Para o PB, acreditamos que haja uma quantidade maior de Objeto Nulo, já que a gramática do PB já estaria em processo de mudança em direção ao apagamento do objeto.

Em relação ao segundo grupo de fatores - selecionado com base na reflexão dos estudos prévios sobre o Objeto Nulo - esperamos que as formas expressas não apresentem restrição em nenhum tipo de oração, seja ela principal, coordenada ou subordinada. Com relação ao Objeto Nulo, por outro lado, acreditamos que esta forma sofra restrição estrutural, especialmente nos contextos de ilhas sintáticas, ou seja, quando estiver em relativas, adverbiais e orações subjetivas antepostas.

Além disso, um dos nossos objetivos, com este grupo de fatores, é verificar se os dados do PB podem se diferenciar dos dados do PE qualitativamente. Isso quer dizer que esperamos encontrar Objeto Nulo até mesmo em contexto de ilha sintática em PB, como indício de um diferenciador entre as duas variedades, o que já revelaria perfis sociais diferentes entre os escritores brasileiros e escritos portugueses. Enquanto estes não processariam Objetos Nulos em ilhas, aqueles sim.

Em relação à função do antecedente, muitos estudos mostram que o Objeto Nulo é favorecido, quando retoma um antecedente com função de objeto ou quando faz referências a uma oração/proposição. Com base nisso, esperamos que os Objetos Nulos tanto em PB quanto em PE sejam favorecidos por objetos diretos e pela oração. Em relação ao traço semântico, verificamos pela hierarquia de referencialidade que o Objeto Nulo foi inicialmente introduzido em português a partir de elementos menos referencias, ou seja, [-humano/-específico]. Sendo assim, acreditamos que boa parte dos Objetos Nulos seja favorecida por essa combinação de traços semânticos, enfrentando maior restrição com elementos [+humano/+específico].

Sobre os fatores extralinguísticos, acreditamos que, possivelmente, os escritores do gênero feminino produzam mais Objetos Nulos do que objetos expressos, uma vez

⁴ Para a codificação dos dados oracionais, utilizamos “não se aplica” (/), uma vez que orações não podem ser analisadas quanto à animacidade ou à especificidade.

que muitos estudos vêm mostrando que são as mulheres as primeiras a adotar uma forma inovadora em determinados processos de mudança e variação linguística. Se assim for, poderemos verificar que o Objeto Nulo é um parâmetro interessante para a construção do perfil social dos escritores das cartas.

À nacionalidade do falante, esperamos que os escritores brasileiros apresentem maior taxa de Objetos Nulos, enquanto os escritores portugueses talvez prefiram as formas expressas, uma vez que a carta seja um gênero textual escrito, o que poderia influenciar na escolha das formas expressas e não nulas, confirmando Duarte e Costa (2013), ao afirmarem que os portugueses preferem a variante expressa.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Ao total, foram coletados 80 dados, dos quais 41 são do PE e 39 são do PB. A tabela a seguir mostra a distribuição dos Objetos Nulos e expressos segundo a nacionalidade do remetente:

Nacionalidade do remetente	Nulo	Expresso	Total
Português	13/41 (31, 7%)	28/41 (68,3%)	41/41 (51, 25%)
Brasileiro	29/39 (74%)	10/39 (26%)	39/39 (48, 75%)
Total	42/80 (46,4%)	38/80 (49,6%)	80/80 (100%)

Tabela 1: Distribuição dos Objetos Nulos e expressos segundo a nacionalidade

Primeiramente, observamos que a distribuição das variantes nulas e expressas é muito diferente em PB e em PE. Neste, verificamos que a maioria dos dados é de objeto expresso: são 28 ocorrências de expressos (68.3%) e 13 de nulos (31.7%) num total de 41 dados. No PB, são 29 dados de nulos (74%) e 10 dados de expressos (26%). Com esse resultado, percebemos que o Objeto Nulo contribui para a reconstrução do perfil social dos remetentes, já que, no PB, há maior tendência ao apagamento do objeto, enquanto que, no PE, existe preferência pelas estratégias expressas. Com isso, confirmamos a nossa hipótese de que o Objeto Nulo não seja a principal estratégia entre os portugueses, um quadro bem diferente do que foi encontrado para o PB. Seguiremos com a análise, começando pelo PE e depois seguindo para o PB.

4.1 A ANÁLISE PARA O PORTUGUÊS EUROPEU

Nesta subseção, a análise para o PE está assim organizada: primeiro focalizamos no tipo de oração em que Objeto Nulo está, depois analisamos o estatuto sintático do antecedente, o traço semântico e finalizamos com gênero do remetente.

4.1.1 Tipo de oração

O tipo de oração em que os objetos estão constitui um dos parâmetros de análise desta pesquisa, já que muitos estudos prévios vêm mostrando a importância desse fator sintático para o licenciamento do Objeto Nulo. Isso quer dizer que certos tipos de oração constituem uma forte barreira para a supressão do objeto, por exemplo, os 22 contextos de ilhas sintáticas fortes. A seguir, está a distribuição dos objetos nulos e expressos segundo o tipo de oração, que será acompanhada de uma análise qualitativa dos dados:

Tipo de Oração	Nulo	Expresso	Total
Principal	4/12 (33,3%)	8/12 (66,7%)	12/12 (29,3%)
Coordenada	3/10 (30%)	7/10 (70%)	10/10 (24,4%)
Completiva	1/4 (25%)	3/4 (75%)	4/4 (9,8%)
Relativa	0/2 -	2/2 (100%)	2/2 (4,9%) <i>KnockOut</i>
Adverbial	5/13 (38,5%)	8/13 (61,5%)	13/13 (31,7%)
Total	13/41 (31,7%)	28/41 (68,3%)	41/41 (100%)

Tabela 2: Distribuição dos objetos nulos e expressos segundo o tipo de oração em PE.

Primeiramente, é interessante observar que, nos dois dados de oração relativa, não houve sequer um dado de Objeto Nulo, o que confirma os estudos formais sobre o tema, uma vez que a relativa constitui um tipo de ilha sintática forte. Por isso, podemos ver a acusação de *knockOut* pelo programa *GoldvarbX*, já que não houve variação entre formas expressas e nulas. Este resultado confirma uma das nossas hipóteses para o PE, de que o Objeto Nulo não seria favorecido em relativas. Vejamos os dois únicos dados de oração relativa:

- (23) Eu calculava que ele que lhe tinha [**amizadade**]_i como aqueles que [**a**]_i tinham. (FLY2151 - Carta de amor de um militar).
- (24) Mande-te [**uma carta**]_i mandando-te dizer as novidades da festa de Santa Anna, mas foi outro escrivão que [**a**]_i fez. (FLY 2155 - Carta de amor, provavelmente ditada, de uma mulher).

Em (23), o objeto é expresso pelo clítico acusativo *a*, o qual é co-referente ao termo *amizade* do contexto sintático precedente. Em (24), o objeto também é realizado pelo clítico acusativo *a*, que por sua vez é correferente ao constituinte [**uma carta**]. Este segundo dado nos intriga, pois se trata de uma carta supostamente ditada de uma mulher, o que nos leva a pensar se essa estratégia seria utilizada realmente por ela, caso não precisasse ter sua carta ditada. De qualquer forma, como se trata de um contexto de ilha

sintática, a troca do objeto expresso pelo nulo poderia gerar estranheza entre os portugueses, que provavelmente evitariam inconscientemente a estratégia nula.

Vejamos agora o caso das orações adverbiais que também pertencem ao grupo das ilhas sintáticas fortes e que, portanto, constituem barreira para o Objeto Nulo. Apesar disso, houve 5 ocorrências de Objetos Nulos em orações adverbiais em um total de 13 ocorrências, o que torna nosso resultado interessante, pois, mesmo que não seja a maioria dos casos, é interessante ver que há uma possibilidade da estratégia nula ocorrer. Vejamos os exemplos a seguir:

- (25) Quando escreveres [Ø]_i não ponhas selos [**nas cartas**]_i (FLY2081 - Carta familiar de um oficial do CEP)
- (26) Enfim, [**lá irei**]_i, quando quiserem [Ø]_i. (FLY2380 - Carta de amor de um militar do CEP)
- (27) Se tiver [**dinheiro**]_i, vou. Se não tiver [Ø]_i, não vou. (FLY2084 - Carta familiar de um militar do CEP)

Em (25) e (26), podemos verificar que o Objeto Nulo está em orações adverbiais com circunstância temporal expressa pelo conectivo quando. Em (25), o objeto nulo é correferente ao oblíquo nuclear [**nas cartas**], um argumento com função sintática de complemento circunstancial do predicator verbal **pôr**⁵. Em (26), verificamos que o Objeto Nulo não retoma um SN, mas sim um conteúdo oracional, o que pode fortemente favorecer a estratégia nula. Em (27), o Objeto Nulo se encontra em uma oração adverbial com circunstância condicional marcada pelo conectivo se, sendo correferente ao sintagma [**dinheiro**], um nome nu, sem determinante. Neste último dado, é muito interessante observar que há paralelismo de estrutura sintática, já que se usam os mesmos predadores verbais: *ter* e *ir*, que estão respectivamente em uma oração condicional e em uma oração principal. É possível dizer que o Objeto Nulo possa ser favorecido por esse paralelismo estrutural, já que poderia facilitar o processamento da categoria vazia, recuperando facilmente sua referência⁶. Para as completivas, houve 4 ocorrências das quais uma é de Objeto Nulo:

- (28) Eu cá recebi a tua carta e nela vi tudo quanto me mandavas dizer, pois tu mandavas me dizer [que eu que te não tenho escrito [Ø]_i]. (FLY2154 - Carta de amor, provavelmente ditada, de uma mulher).

Em (28), o Objeto Nulo se encontra dentro da oração completiva do predicator **dizer**. Aqui é interessante observar que o referente da categoria vazia é construído pelo contexto pragmático, já que o complemento da perífrase verbal **tenho escrito** pode ser interpretado como **carta(s)**: eu que te não tenho escrito **carta(s)**. Não podemos inferir que sejam bilhetes, diários, receitas culinárias ou qualquer outra gênero textual. O contexto nos leva a inferir que sejam cartas. Sendo assim, o referente do Objeto Nulo é, neste exemplo, um caso de tópico discursivo-pragmático, já que não está expresso

⁵ Para a linguística contemporânea e para Rocha Lima, *pôr* seleciona dois argumentos. Para LDB, [**nas cartas**] seria interpretado como adjunto adverbial e não como um argumento.

⁶ Esse ponto pode ser uma sugestão para trabalhos futuros: a possibilidade dos Objetos Nulos serem favorecidos por paralelismo estrutural. É possível que uma pesquisa com base em teste de atitudes ou em processamento linguístico possa responder a essa questão.

linguisticamente; é, porém, inferido pelo contexto. Por fim, vale mencionar que, dos doze dados de orações principais, quatro são de objetos nulos. Para as dez orações coordenadas, foram encontrados 3 categorias vazias.

4.1.2. Estatuto sintático do antecedente

Analisaremos agora o Objeto Nulo e o expresso segundo o estatuto sintático do antecedente cuja distribuição pode ser vista a seguir:

Estatuto sintático do referente	Nulo	Expresso	Total
Sujeito	0/3 -	3/3 (100%)	3/3 (7,3%)
Objeto direto	4/20 (20%)	16/20 (80%)	20/20 (24,4%)
Oblíquo nuclear	2/2 (100%)	0/0 -	2/2 (4,9%)
Oblíquo não nuclear	0/1 -	1/1 (100%)	1/1 (2,4%)
Tópico marcado	0/2 -	2/2 (100%)	2/2 (4,9%)
Tópico discursivo-pragmático	3/5 (60%)	2/5 (40%)	5/5 (12%)
Oração	4/8 (50%)	4/8 (50%)	8/8 (19,5%)
Total	13/41 (31,7%)	28/41 (68,3%)	41/41 (100%)

Tabela 3: Distribuição dos objetos nulos e expressos segundo estatuto sintático do antecedente em PE.

É interessante observar que, entre os quatro knockouts apontados, três se devem a não ocorrência de Objeto Nulo com antecedentes com função de sujeito, oblíquo não nuclear e tópico marcado. Também nos surpreendemos com a baixa ocorrência de Objeto Nulo com antecedente com função de objeto direto, pois muitos estudos apontam que essa função favorece a categoria vazia: dos 20 dados, apenas 4 são de objetos nulos. Vejamos o dado:

(29) Agora eu aqui te mando [**esta lembrança**]_i que é só para te dar a demonstrar que te tenho alguma amizade, pois eu mando-te [**Ø**]_i. (FLY2151 - Carta de amor de um militar do CEP)

Em (29), o Objeto Nulo retoma o SN [**esta lembrança**] do contexto sintático precedente. Neste caso, observamos a ocorrência de paralelismo lexical, pois se usa o

mesmo predicar verbal (**mandar**) para selecionar tanto Objeto Nulo quanto seu correferente.

As duas únicas ocorrências de oblíquo nuclear são de Objeto Nulo. Vejamos:

(30) Quando escreveres [Ø]_i, não ponhas selos [**nas cartas**]_i; e mesmo quando escreveres [Ø]_i, põe além do que punhas no sobrescrito. (FLY2081 - Carta familiar de um oficial do CEP)

Neste caso, observamos que os dois dados de Objeto Nulo retomam o oblíquo nuclear [**nas cartas**]_i, um argumento interno do predicador verbal **pôr**. Em relação aos referentes com estatuto sintático de tópico discursivo - pragmático, foram selecionados 5 dados, dos quais 3 são de categoria vazia. Vejamos:

(31) Eu não te tenho escrito [Ø]_i tão cedo. (FLY2155 - Carta de amor de uma mulher)

(32) Te vou escrever [Ø]_i. (FLY2151 - Carta de amor de um militar do CEP)

Tanto em (31) quanto em (32), o Objeto Nulo é selecionado pelo predicador verbal escrever, que não está sendo usado de forma intransitiva, pois, se assim fosse, seu complemento nulo deveria apresentar referência genérica, ou seja, poderia ser qualquer gênero que pudesse ser escrito. Mas ao analisarmos atentamente o contexto, observamos que só pode ser um gênero textual específico: a carta. Provavelmente, como o contexto já nos leva a dedução de sejam as cartas, os remetentes optam inconscientemente pelo Objeto Nulo, já que sua referência já é garantida pelo contexto situacional. Para retomar um conteúdo oracional, foram selecionados oito dados, dos quais quatro são de objeto preenchido, enquanto quatro são de Objeto Nulo, como podemos ver respectivamente a seguir:

(33) [**Quando eu me casar**]_i eu t[Ø]_i mandarei dizer. (FLY2154 – Uma Carta de amor de uma mulher).

(34) Enfim, [**eles já estavam cá há mais tempo**]_i, bem sei [Ø]_i. (FLY2380 – Uma Carta de amor de um militar).

Em (33), vemos que o clítico neutro *o*, isto é, um clítico que retoma um conteúdo oracional está aglutinado ao clítico *te*, formando **to**⁷. Neste caso, o clítico acusativo retoma toda a oração [**quando eu me casar**]_i, podendo ser substituído por um Objeto Nulo – [**Quando eu me casar**]_i, eu te mandarei dizer [Ø]_i – ou por um pronome demonstrativo *isso* – [**Quando eu me casar**]_i, eu te mandarei dizer [**isso**]_i. Em (34), o Objeto Nulo retoma a oração precedente, podendo ser também substituído por um clítico neutro ou pelo demonstrativo **isso**. Aqui é importante frisar que este contexto é apontado por alguns autores (CYRINO, 1994 dentre outros) como a porta de entrada do Objeto Nulo para o português, já que orações e conteúdos proporcionais ocupam um lugar muito baixo na hierarquia de referencialidade, o que facilitaria a escolha pelo Objeto Nulo, que, por outro lado, resiste aos contextos de maior referencialidade, como a retomada de 1^a e 2^a pessoas, já que estes são inerentemente [+animados/+específicos], já que dizem respeito às pessoas da interação, aos dêiticos.

⁷ Esta forma é de difícil processamento para muitos falantes do PB, sendo muitas vezes aprendida e não adquirida no processo de aquisição.

4.1.2 Os traços semânticos

Analisaremos agora os Objetos Nulos segundo os traços semântico⁸.

Traço semântico	Nulo	Expresso	Total
[+humano/+específico]	0/1 -	1/1 (100%)	1/1 (3%) <i>KnockOut</i>
[-humano/+específico]	7/23 (30%)	16/23 (70%)	23/23 (70%)
[-humano/-específico]	2/9 (22,2%)	7/9 (77,8%)	9/9 (27%)
Total	13/41 (31,7%)	28/41 (68,3%)	34/34 (100%)

Tabela 4: Distribuição dos objetos nulos e expressos segundo traços semânticos em PE.

Em primeiro lugar, vale lembrar que os objetos oracionais foram desconsiderados neste parâmetro, uma vez que as orações não podem ser analisadas quanto à animacidade ou especificidade. Diante disso, verificamos que houve *knockOut* para os traços [+animado/+específico], com apenas uma ocorrência de Objeto expresso. Para os 23 dados com traços [-animado/+específico], foram selecionados 7 dados de Objeto Nulo. O período “quando escreveres [Ø]_i não ponhas selos [nas cartas]_i; e mesmo quando escreveres [Ø]_i (...)” apresenta duas ocorrências de Objeto Nulo com essa combinação, já que as cartas são inerentemente [-animadas], mas apresentam traço [+específico]. Para a combinação [-animado/-específico], foram selecionados 2 dados de objetos nulos:

(35) O meu coração nunca tão tornou a ter [alegria]_i só pode ter [Ø]_i quando tu vieres a esta terra. (FLY2152 - Carta de amor de uma mulher)

(36) Se tiver [dinheiro]_i, vou. Se não tiver [Ø]_i, não vou. (FLY2084 - Carta familiar de um militar do CEP)

Em (35), o Objeto Nulo retoma o SN [alegria], inerentemente [-animado] e, neste caso, [-específico]. Em (36), vemos que o Objeto Nulo retomar o SN [dinheiro], também inerentemente [-animado] e, neste caso, [-específico].

4.1.3 O gênero

Analisaremos agora o Objeto Nulo segundo o gênero do remetente:

⁸ Não foi atestada nenhuma ocorrência de objeto nulo ou expresso com traços [+animado/-específico]. Um possível motivo para este resultado é que todos os seres animados tratados nas cartas são pessoas de referência bem definida, ou seja, [+animado/+específico].

Gênero do remetente	Nulo	Expresso	Total
Masculino	9/31 (29%)	22/31 (71%)	31/31 (75,6%)
Feminino	4/10 (40%)	6/10 (60%)	10/10 (24,4%)
Total	13/41 (31,7%)	28/41 (68,3%)	41/41 (100%)

Tabela 5: Distribuição dos objetos nulos e expressos segundo o gênero do remetente em PE.

Das treze ocorrências de Objeto Nulo, apenas quatro são da única representante do gênero feminino, cujas cartas foram provavelmente ditadas. Ao total, o nosso corpus apresenta quatro cartas dessa remetente. São todas cartas de amor, enviados de Ferreira do Zêzere para seu futuro marido, um militar do CEP, que estava na França. Das quatro cartas, uma (FLY2153) não apresenta nenhum dado.

Conforme veremos na análise do PB, este resultado em relação ao gênero é diferente para PE e PB. Neste as remetentes do gênero feminino são as únicas que optam pelo Objeto Nulo, o que poderia revelar que as mulheres do Brasil do início do século XX estavam a frente no processo de mudança que ocorre no PB em direção ao apagamento do objeto. Como o PE não passa por esse processo de mudança, são compreensíveis os baixos índices de Objeto Nulo, até mesmo na única remetente portuguesa.

As outras nove ocorrências de Objeto Nulo foram encontradas nas cartas dos quatro remetentes de gênero masculino. Uma carta (FLY2151) é justamente do futuro marido da nossa remetente portuguesa com apenas uma ocorrência de nulo. Outras duas cartas foram escritas por um oficial do CEP, da França para Lisboa. Na sua carta familiar para sua mãe, há 3 Objetos Nulos. Na carta para sua mulher, há um objeto nulo, totalizando 4 objetos nulos para este remetente. Uma carta de amor (FLY2380) foi escrita por um militar do CEP da França para Abrantes. Na sua carta, há dois Objetos Nulos. Por fim, as outras duas ocorrências de Objetos Nulos estão em duas cartas de amizade entre dois militares do CEP da França.

4.2 A ANÁLISE PARA O PORTUGUÊS BRASILEIRO

Foram coletados 39 dados de objeto expresso e nulo, sendo a primeira rodada exposta no gráfico que segue:

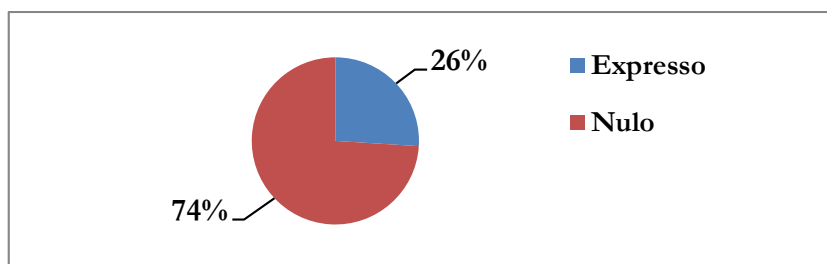


Gráfico 1: Dados gerais das variáveis dependentes.

A frequência bruta dos dados rodados no *GoldVarb-X* resultou em 74% (29/39) dos objetos nulos, em oposição a 26% (10/39) para o objeto expresso no PB. Mesmo se tratando de uma análise preliminar e com poucos dados, é notável que o Objeto Nulo era uma variável possível de ser encontrada no PB, já no início do século XX, visto que os dados aqui expostos foram encontrados em registros escritos nessa época. Seguimos com os exemplos (37) e (38), objeto nulo e expresso, respectivamente, retirados das cartas pessoais que expõem as variáveis aqui comentadas.

(37) À noite, fui a tua casa, qual a alegria que esperava-me, tinha **[duas cartas]**, para mim, mal recebias **[Ø]** fui ler **[Ø]**, as cartas eram dos dias 22 e 23 do corrente [...] (CB, J.O.S; masc.26-09-1936)

(38) **[A vida de nossa santa Mamãe]**, está bem adiantada, mais de 300 páginas manuscritas (...) amos envidar esforços para ver se até o fim do ano, possamos tê-**[la]**, impressa. (CB, Pa. J. C. M; masc. 08-05-1920)

Dos grupos de fatores observados, o programa selecionou como os mais pertinentes a esta análise, dois grupos de fatores linguísticos e outro extralinguístico, sendo os mesmos comentados e expostos na sequência dos tópicos abaixo.

4.2.1 Estatuto sintático do antecedente

Dos tipos de antecedentes codificados nesta amostra, o tópico pragmático-discursivo mostrou-se mais relevante no que diz respeito ao Objeto Nulo, conferindo frequência de 96,4% (27/39) dos dados. A tabela 6 expõe melhor os números em percentuais.

Estatuto sintático do antecedente	Nulo	Expresso	Total
Tópico Pragmático-discursivo	27/39 (96,4%)	1/39 (3,6%)	28/39 (71,8%)
Objeto direto	0/39 -	1/39 (100%)	1/39 (2,6%)
Obliquo nuclear	1/39 (14,3%)	6/39 (85,7%)	7/39 (17,9%)
Obliquo nuclear	0/39 -	2/39 (100%)	2/39 (5,1%)

Tópico marcado	1/39 (100%)	0/39 -	1/39 (2,6%)
Total	29/39 (64,9%)	10/39 (35,1%)	39/39 (100%)

Tabela 6: Dados do *GoldVarb X* para o grupo de fatores/tipo de antecedente.

O tópico pragmático-discursivo é o fator de maior frequência dentro do grupo que observa o estatuto do antecedente, sendo conferido o total de 71,8% (28/39). Das ocorrências 28 ocorrências, 27 são para os contextos sintáticos nos quais o Objeto Nulo está presente. Observemos:

(39) Jane me escreve [Ø] satisfeita, mas dizendo-se um pouco endefluxada pela humidade de Manaus. (CB, Pa. J. C. M; masc. 08-05-1920)

(40) Escreva-me [Ø] meu Fernando. (CB, Pa. J. C. M; masc. 08-05-1920)

Sobre a natureza desta categoria vazia, as primeiras observações feitas por Raposo (1986) mostraram que o conteúdo da lacuna do objeto poderia ser recuperado pelo contexto pragmático (41) ou linguístico (42):

(41) A Joana viu [Ø] na TV ontem.

(42) A Joana pegou nos [livros]_i e guardou [Ø]_i cuidadosamente. (CYRINO E MATOS, 2016, p. 296).

Nos termos de Cyrino e Matos (2016), o português seria uma língua sensível ao contexto discursivo-pragmático, aplicando-se isso aos nossos dados da amostra do PB. Além disso, tal fator linguístico fora também, observado por Raposo no PE⁹, comparando ao chinês. Para o autor, em ambas as línguas, o Objeto Nulo pode ser controlado pragmaticamente e o espaço do objeto nulo funciona como uma variável. Desse modo, o operador nulo surge do movimento do objeto omitido na sintaxe. Uma regra relacionaria Top e o operador nulo em *Comp*, estabelecendo seu conteúdo em um leque de representações, sensível a discursos/ informações pragmáticas (CYRINO E MATOS, 2016, p. 297).

4.2.2. Traços semânticos

Seguindo nas observações dos dados, o fator traço semântico mostrou-se relevante à análise, no que diz respeito às restrições de animacidade. Dentro da estrutura de Princípios e Parâmetros, vários autores correlacionam o fato de que o Objeto Nulo no PB tem, de preferência, um antecedente [-animado]. Os resultados encontrados nas cartas brasileiras da nossa análise corroboram com isso dentro da proposta supramencionada.

Traços semânticos	Nulo	Expresso	Total
-------------------	------	----------	-------

⁹ Raposo (1986) iniciou o estudo sobre as estratégias para a omissão do complemento selecionado pelo verbo, no português europeu. Tais análises iniciais permitiram que outros pesquisadores desenvolvessem estudos sobre o PB.

[+hum/+esp]	3/39 (50%)	3/39 (50%)	6/39 (15,4%)
[+hum/-esp]	0/39 -	1/39 (100%)	1/39 (2,6%)
[-hum/+esp]	6/39 (50%)	6/39 (50%)	12/39 (30,8%)
[-hum/-esp]	20/39 (100%)	0/39 -	20/39 (51,3%)
Total	29/39 (64,9%)	10/39 (35,1%)	39/39 (100%)

Tabela 7: Dados do *Goldvarb-X* para o grupo de fatores/traço semântico.

Nas cartas pessoais observadas, em todas as ocorrências (20/39) nas quais o antecedente possui traço semântico [-hum/-esp], o objeto foi omitido. Mencionamos um dos contextos encontrados na nossa amostra.

(43) Tudo isto está claro que se ele não ganhar bastante eu terei de dar [Ø], no que nada vejo de extraordinário. (CB, E.;1913 - masc.)

Para explicar as restrições de animacidade em objeto nulo (e pronomes completos), alguns autores (CYRINO E MATOS, 2016 dentre outros) propõem uma Hierarquia da Referencialidade (Cf. tópico 1), afirmando que se uma dada língua tiver uma categoria vazia para um determinado elemento, também terá isso para outros que diminuam em referencialidade.

4.2.3 O gênero

O fator gênero tem sido uma tônica no que diz respeito aos estudos da mudança e variação linguística, nos últimos tempos. Estudos como os de Silva (2012, dentre outros) que traçou um perfil social a partir das variações grafemáticas, tem levantado a reflexão sobre essa questão, expondo este fator como pertinente para um estudo mais aprimorado. Refletindo sobre os pressupostos da Sociolinguística Histórica, Conde e Silvestre (2007) explana sobre a difusão geracional da mudança linguística em relação ao fator sexo. O autor apresenta resultados sobre o tema, com base nos estudos iniciados por Labov, na Filadélfia. Em geral, nos casos estudados por Labov, mulheres estão à frente dos homens em adotar formas inovadoras.

De acordo com o princípio da conformidade, as mulheres de classes sociais mais baixas estão à frente dos homens na adoção de inovações, mas se retraem nos níveis intermediários e podem demonstrar um comportamento linguístico conservador. No caso da tabela 8, todas as ocorrências de nulo levantadas para o fator sexo (12/39), foram encontradas nas cartas pessoais escritas por brasileiras. Observe:

Gênero	Nulo	Expresso	Total
Masculino	17/39 (63%)	10/39 (37%)	27/39 (69,2%)

Feminino	12/39 (100%)	0/39 -	12/39 (30,8%)
Total	29/39 (64,9%)	10/39 (35,1%)	39/39 (100%)

Tabela 8: Dados do *Goldvarb-X* para o fator/gênero.

Labov (2001) propõe seis estágios para a mudança em relação ao fator sexo e o avanço geracional, no qual uma variante linguística se generaliza na comunidade, através dos seus falantes e, em fase intermediária, a separação ocorre de acordo com a variante sexo. Os homens de nível social mais baixo tendem a retardar as mudanças iniciadas pelos falantes do sexo feminino da mesma classe social.

É fato que há dificuldade na reconstrução histórica do comportamento linguístico das mulheres, pois, geralmente, só é possível identificar uma variação depois que as mudanças linguísticas superam a fase de origem:

(...) em mudanças from below [sem consciência social e internas à variedade em uso], as mulheres usam frequência mais altas de formas inovadoras do que os homens, apresentando assim comportamento inovador, mas em dissonância (nonconforming) com as normas explícitas estabelecidas” (LABOV, 2001: 292; 366-367).

Partindo disso, considerou-se o estudo desenvolvido por Silva (2012) sobre o perfil social de um casal não-ilustre, Maria e Jayme, que, por informações dadas nas próprias cartas pessoais aqui estudadas, notamos que se tratava da mesma Maria do estudo sócio-histórico desenvolvido por Silva (2012). Das 12 cartas usadas na amostra, apenas 3 são de mulheres, sendo duas assinadas por Maria, nas quais ocorrem o maior número dos Objetos Nulos. Conforme discutido por Silva (2012), não foi possível levantar dados de bibliografia do casal em registros públicos por não se tratar de pessoas ilustres. Foi através do trabalho de observação das variações grafemáticas, que a pesquisa supracitada pôde contribuir aos estudos desta natureza. A seguir, ilustramos a edição *fac-similar* (Cf. SILVA, 2012, p.64) de parte de uma das cartas escritas por Maria.

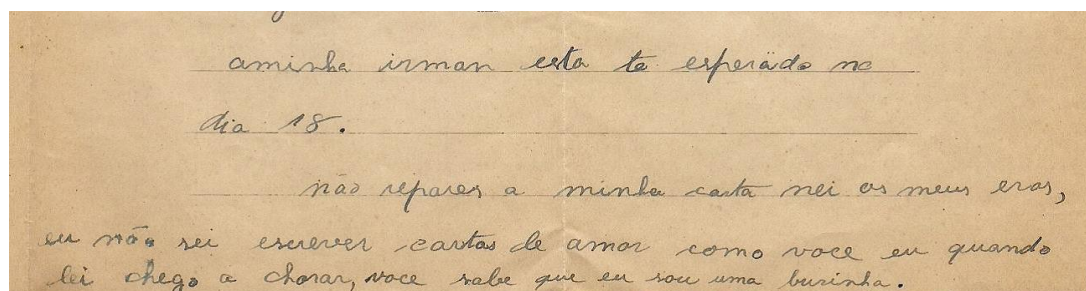


Figura 3: Trecho de carta com texto subscrito (Maria).

“[...] a minha irman esta te esperando no | dia 18. | não repares a minha carta nei os meus eros, | eu não sei escrever cartas de amor como voce eu quando | lei chego a chorar, voce sabe que eu sou uma burinha.” (SIL A, 2012, p. 64--Maria/Jayme – 07/10/1936)

Sobre os registros de Maria, Silva (2012, p. 64) comenta:

No fragmento a seguir, a noiva Maria alerta Jayme para que ele não repare na carta dela porque contém inúmeros erros. Essa informação aparece na carta da Maria sempre em forma de observação ao final da missiva. Tal alerta da autora quanto ao não domínio da escrita é bem recorrente.

Seguindo nas hipóteses, sobre o grau de letramento de Maria, os dados que compararam os registros entre Jayme e ela, notou-se que:

(...) esses resultados quantitativos preliminares já são claros em mostrar que em termos escalares Jayme apresenta em sua escrita mais evidências do seu maior contato com variados textos e modelos de escrita e, conseqüentemente, o seu maior grau de letramento se comparado com o perfil de escrita de sua noiva. Maria, por sua vez, não demonstra ter muito domínio da norma escrita, visto que comete mais desvios referentes à segmentação e à grafia das palavras. A presença significativa de palavras latinizantes nas cartas de Jayme, mesmo que nem sempre o missivista seja feliz nessa tentativa de se aproximar dos vocábulos mais próximos dos originais gregos e latinos, demonstra grande contato de Jaime com o texto escrito e sua preocupação em parecer mais letrado. (SILVA, 2012, p.74).

A autora observou a variação entre *tu* e *você* nos registros escritos trocados pelo casal e comprovou maior uso da forma inovadora *você* nas cartas escritas por Maria.

Uma das hipóteses levantadas para justificar o uso da nova forma pronominal pelas mulheres, nessa época, é a de que *você* guardava consigo um resquício de indiretividade originária da forma tratamental *Vossa Mercê* (RUMEU, 2008). Por essa razão, a mulher utilizaria uma estratégia menos invasiva e direta que manteria ainda certo distanciamento entre ela e o interlocutor. Cabe lembrar que *você*, apesar de ser a variante mais inovadora em relação ao pronome *tu* de segunda pessoa, não era uma forma estigmatizada no português brasileiro (SILVA, 2012, p.108).

Desse modo, mesmo que de modo preliminar e em amostra limitada, se considerarmos o fator sexo controlado nas cartas da nossa amostra, associando-o ao perfil da informante Maria, traçado por Silva (2012), no que diz respeito ao grau de letramento, é possível considerarmos ambos os fatores extralinguísticos como tônicas pertinentes aos dados aqui comentados. Vale lembrar que nossa reflexão aqui, parte de hipóteses e observações muito breves, não sendo o estudo realizado de modo aprofundado e exaustivo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sobre o PB, notou-se que a função do antecedente, como tópico pragmático - discursivo, é um dos fatores relevante à omissão do objeto, como, também, a animacidade do elemento antecedente ao objeto. O traço [-hum/-esp] está relacionado à uma hierarquia referencial, em conformidade com o proposto por Cyrino, Duarte e Kato

(2000). Já o uso preferencial do Objeto Nulo pelas mulheres, destacou o fator gênero como o relevante à análise, além de propiciar a comparação dos nossos dados preliminares aos de análise (SILVA, 2012), considerando o perfil social, do nível de letramento ao gênero feminino.

Para o PE, confirmamos a nossa hipótese de que o objeto expresso superasse o Objeto Nulo: das 41 ocorrências, apenas 13 (31.7%) são de Objetos nulos. Em relação ao tipo de oração, ficamos surpresos com as ocorrências de Objetos Nulos em oração adverbial temporal, justamente um contexto de ilha sintática. Com relação ao estatuto sintático do antecedente, percebemos que os Objetos Nulos do PE são favorecidos quando retomam uma oração, já que metade dos dados de objetos oracionais é de categoria vazia, ou seja, 50% de objetos expressos e 50% de Objetos Nulos para retomar um conteúdo oracional. Também observamos que o tópico discursivo-pragmático foi uma função que favoreceu o Objeto Nulo. Para o sujeito, o tópico marcado e o oblíquo nuclear não houve ocorrência de nulo. Ao considerarmos os traços semânticos, observamos que o Objeto Nulo foi bem favorecido por referentes [-animado]. Para o gênero do remetente, verificamos que o Objeto Nulo não parece ser favorecido nem pelo gênero masculino nem pelo feminino, um quadro diferente do PB.

Sendo assim, esperamos contribuir para os estudos do Objeto Nulo em sociolinguística-histórica, lembrando-nos de que um tema nunca se esgota, podendo sempre ser (re) pensado por quem decidir se aventurar na pesquisa linguística.

REFERÊNCIAS

- COSERIU, E. *Teoria del lenguaje y lingüística general: cinco estudios*. Madri: Biblioteca Românica Hispânica/ Editorial Gredos, 1973.
- CONDE SILVESTRE, J. C. *Sociolingüística histórica*. Madrid, Gredos, 2007.
- CYRINO, S. *O ON no português do Brasil – um estudo sintático-diacrônico*. Tese de doutorado, Unicamp, 1994.
- CYRINO, S.; MATOS, G. Null Objects and VP Ellipsis in European and Brazilian Portuguese. In: *The Handbook of Portuguese Linguistics*. Wiley Blackwell, 2016, pp. 295-316.
- CYRINO, S. M. L. ; DUARTE, M. E. L.; KATO, M. A. Visible subjects and invisible clitics in Brazilian Portuguese. In: KATO, M. A; E. V. NEGRÃO (Org). *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter*. 1º ed. Frankfurt am MIN/Madrid: Vervuert/Iberoamericana, 2000. P. 55-73.
- DUARTE, I. E COSTA, J. ON. In PAIVA, RAPOSO et al. (eds). *Gramática do Português*, vol II: 2339-2348. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 2013.
- KABATEK, J. Las tradiciones discursivas do español medieval: historia de textos e historia de la lengua. In: *Iberoromania*: Revista dedicada a las lenguas y literaturas iberorrománicas de Europa y América, 2005, pp. 28-43.
- LABOV, W. *Principles of Linguistic Change*, V. II: Social Factors, 2001.
- MATEUS, M. H. M. et al. *Gramática da Língua Portuguesa*. 7º Ed. Lisboa: Editorial Caminho, 2003.

RAPOSO, E. P. On the Null Object in European Portuguese. In: JAEGGLI, O. and SILVA-CORVALÁN (Orgs). *Studies in Romance Linguistics*. Foris. Dordrecht. 1986.

SAUSSURE, F. de. *Curso de Linguística Geral*. 4ª ed. São Paulo: Cultrix, 1916 [1972].

SILVA, E. N. *Cartas amorosas de 1930: o tratamento e o perfil sociolinguístico de um casal não ilustre*. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa – Faculdade de Letras. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2012.

TARALLO, F. *A pesquisa Sociolinguística*. 5. Ed. São Paulo: Ática, 1997.

WEINREICH, U; LABOV, W; HERZOG, M. I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 1968 [2006].

Recebido em: 20/12/2020

Aprovado em: 05/02/2021

Publicado em: 25/07/2021